

MIGRAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA CENTRAL. ENTREVISTA COM AMPARO MARROQUÍN PARDUCI

MIGRATION AND COMMUNICATION IN CENTRAL AMERICA. INTERVIEW WITH AMPARO MARROQUÍN PARDUCI

Manuel Chaparro

Facultad Ciencias de la Comunicación, Universidad de Málaga, Málaga, Espanha

Esta entrevista analisa a história da migração centro-americana a partir da perspectiva das decisões políticas que influenciaram as rotas e as condições dos migrantes, discutindo, ainda, o modo como os media abordam as migrações.

A América Central, devido à sua localização geográfica, tem sido historicamente uma região de trânsito. O relatório de migração da Organização Internacional para as Migrações indica que esta região se tornou o corredor de mobilidade humana mais importante do mundo nas duas primeiras décadas do século XXI. Até aos anos 1980, a migração na América Central era relativamente fluida. No entanto, a partir de 1994, com a Operação Gatekeeper nos Estados Unidos, iniciou-se um processo de militarização e endurecimento das fronteiras, o que dificultou o trânsito migratório. Foi um acumular de absurdos que começou nos anos 1950 com o golpe de estado induzido pelos EUA contra o governo democrático de Jacobo Arbenz (na Guatemala). O estatuto de “quintal” dos países da região condenou uma população a governos instáveis e autoritários, onde os conflitos armados são uma constante. Estas circunstâncias contribuíram para o empobrecimento e a repressão dos cidadãos.

As políticas migratórias restritivas resultaram num aumento da migração irregular, tornando a viagem mais perigosa e dispendiosa para os migrantes. Além disso, estas políticas geraram narrativas que criminalizam os migrantes e os apresentam como uma ameaça à segurança nacional dos países de acolhimento. Para abordar a realidade da migração, é necessário compreender as causas estruturais que a impulsionam, incluindo os discursos e a informação dos média, e adotar políticas públicas que promovam a ética e penalizem a desinformação.

Amparo Marroquín Parducci é professora do Departamento de Comunicação e Cultura da Universidad Centroamericana Simeón Cañas de El Salvador desde 1997. Há vinte anos, iniciou o estudo dos processos migratórios e a forma como estes influenciam a construção de identidades socioculturais (Marroquín Parducci & Huezco-Mico, 2006). Abordou também as narrativas que os média constroem sobre esta questão (Marroquín Parducci & Carballo, 2021). O seu trabalho mais recente explora a constituição da profissão do *coiote* (guia) como o grande mediador dos riscos enfrentados pelos migrantes no seu caminho para um novo país. Foi professora visitante em países como Argentina, México, Colômbia, Equador, Espanha e EUA. Especialista na obra de Jesús

Martín Barbero, é, desde 2021, decana da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidad Centroamericana Simeón Cañas, em San Salvador.

Manuel Chaparro (MC): A história da América Central tem sido marcada por lutas armadas de resistência a governos deslegitimados, apoiados pelos EUA no século passado. A situação atual é a de sociedades empobrecidas, onde a violência e a corrupção institucional têm uma presença considerável. Qual é o atual contexto social, económico e político da migração na América Central?

Amparo Marroquín (AM): Esta questão é complexa, porque envolve várias considerações. Vou abordá-la a partir de uma perspetiva histórica. Creio que a migração, tal como a entendemos hoje, é o resultado de uma série de decisões políticas que influenciaram tanto a forma como as pessoas migram atualmente, como a forma como vemos os migrantes.

Em primeiro lugar, temos de compreender que este processo se tornou mais complexo para o projeto migratório, não por ser acidental, mas devido a uma decisão sistemática das pessoas no poder e dos governos que implementam determinadas políticas públicas. A primeira coisa que devemos entender sobre a América Central é a sua condição geográfica muito particular. Faz a ligação entre o sul do continente e o norte. A América Central continua a ser um ponto de trânsito para os migrantes que se deslocam de um lugar para outro. O relatório de migração da Organização Internacional para as Migrações indica que esta geografia privilegiada fez da região o *corredor de mobilidade humana* mais importante do mundo nas duas primeiras décadas do século XXI (McAuliffe & Triandafyllidou, 2021). Ou seja, enquanto escrevo isto, há muitas pessoas a aventurar-se na selva de Darien, no Panamá, e muitas outras, de mochila às costas, a atravessar o rio Suchiate, em busca de um sonho. Enquanto leem esta entrevista (quando a lerem) haverá pessoas a observar, com um guia ou coiote, como está o caudal do Rio Grande, para decidir qual será o próximo passo.

Atravessar as fronteiras das Américas e chegar aos países de destino na região é geralmente muito complicado. Mas nem sempre foi assim. Até a década de 1980, era relativamente fácil atravessar do México para os Estados Unidos, ou ir para a Costa Rica. Além disso, muitos países compreendiam que na América Central se viviam guerras civis terríveis e que a perseguição política era uma realidade quotidiana, e ofereciam diferentes tipos de programas que, de forma solidária, acolhiam aqueles que queriam deixar a região.

Esta realidade começou a mudar a partir de 1 de outubro de 1994, quando o presidente dos EUA, Bill Clinton, lançou a Operação Gatekeeper, que alterou a geografia da fronteira entre os EUA e o México. Clinton fez de San Diego (na Califórnia) uma das fronteiras mais fortificadas e deslocou a migração para leste. Estas medidas não reduziram significativamente a migração, simplesmente tornaram a viagem mais complicada, mais perigosa e, claro, mais dispendiosa para aqueles que queriam entrar nos Estados Unidos, com ou sem documentos em ordem. Em 1997, as autoridades falaram pela primeira vez

numa “crise” migratória, que devia ser cuidadosamente gerida. O reforço das medidas de controlo nos pontos de passagem fronteiriços não funcionou. A 11 de setembro de 2001, os atentados contra as Torres Gémeas e o Pentágono foram reivindicados pela organização extremista Al Qaeda. Embora este ataque não estivesse relacionado com a realidade dos migrantes, alterou novamente o mapa. A migração sem documentos, que em muitos dos países de acolhimento era considerada uma infração administrativa, tornou-se uma infração penal. Este facto permitiu a intervenção do exército para militarizar as fronteiras e perseguir a migração com penas muito mais severas. Os média introduziram a narrativa dos migrantes como “ameaças à segurança nacional”. Gradualmente, as rotas que os migrantes utilizam foram sendo fechadas, obrigando-os a viajar pelas únicas rotas que permaneceram abertas na região: as controladas pelo crime organizado. Isto levou a que os migrantes se tornassem ainda mais vulneráveis. Foram tidos como uma nova moeda de troca e um meio de enriquecimento por vários grupos criminosos, nomeadamente o cartel de Zetas, um poderoso grupo criminoso fundado por antigos militares formados na Escola das Américas. Esta situação tornou-se evidente quando, em 2010, 72 migrantes que se deslocavam do Brasil, Equador, Honduras, Guatemala e El Salvador foram assassinados.

Na América Central, as rotas migratórias foram muitas — há vinte anos, no *Relatório de Desenvolvimento Humano de 2005* para as Nações Unidas (Lopes & Moreira, 2005), observámos que apenas um país, El Salvador, tinha grupos migratórios importantes no Belize, México, Austrália, Suécia e Itália —, embora os dados oficiais indiquem serem três os países que recebem a maior população salvadorenha: os Estados Unidos, para onde vão 88,22% dos migrantes, seguidos do Canadá, com 3,24%, e da Guatemala, com 1,29%. Estes mesmos destinos recebem cidadãos de outros países da América Central, com exceção da Nicarágua, que, historicamente, regista um fluxo migratório muito significativo para a Costa Rica.

Em suma, o que quero salientar com esta panorâmica histórica é que houve muitos destinos para a migração e que houve diferentes tipos de vagas migratórias, razão pela qual é importante ler os acontecimentos neste contexto de novas medidas que tendem a perseguir e a criminalizar a migração.

Por último, é também importante assinalar as causas desta migração. Estão relacionadas com este contexto social, político e económico. As razões da migração têm evoluído e diversificado. A migração na América Central tem uma multiplicidade de causas. Uma das mais importantes é a reunificação familiar; todos os dias há pessoas que tomam a decisão de deixar o país para se reunirem com as suas famílias que migraram. A América Central tem uma migração histórica, uma migração que tem entre cinquenta e cem anos, dependendo do país. O reencontro com a família torna-se uma das principais motivações.

Importa referir que um décimo da população dos EUA já é centro-americana. Cerca de 3,8 milhões de pessoas provenientes destes países viviam nos Estados Unidos em 2021: 40% dos imigrantes eram de El Salvador, 32% da Guatemala, 21% das Honduras e 7% da Nicarágua (Ward & Batalova, 2023).

MC: Até que ponto a violência é também um fator influente?

AM: Claro que a violência, os diferentes tipos de violência, é também uma causa determinante. A violência doméstica, especialmente contra as mulheres, a violência contra determinadas comunidades, como a população LGTBQ+, a violência contra as populações indígenas, como os miskito. Existem, portanto, diferentes tipos de deslocamento ligados à violência. Por outro lado, é importante mencionar a existência de uma população migrante crescente relacionada com os novos exilados políticos. Com violência ligada ao Estado e ao crime organizado, que também tem ligações e redes com os sistemas governamentais de cada país. A Nicarágua tem registado um êxodo massivo de líderes sociais, jovens ligados a movimentos estudantis que aumentou significativamente desde 2018. Só em 2022, a alfândega dos EUA registou 165.000 migrantes nicaraguenses não autorizados. Esta violência por parte do Estado provocou também a expatriação de mais de 300 nicaraguenses, excluídos do registo civil e sem quaisquer garantias. Trata-se de uma situação sem precedentes. Alguns países, como a Espanha, reagiram muito rapidamente para os acolher. A Guatemala, que conta, até agora, com mais de 40 procuradores no exílio devido às políticas intimidatórias do anterior governo do Presidente Alejandro Giammattei (2020–2024), viu muitos juízes e outros ativistas sociais abandonarem o país devido às ameaças de que foram alvo. El Salvador, por seu lado, não dispõe de registos concretos, mas há informações de que pelo menos 40 pessoas se encontram no exílio, e este número continua a aumentar num fluxo contínuo e sistemático que se torna cada vez mais evidente. Este tipo de migração imposta por razões políticas afeta também as Honduras, com a perseguição, sobretudo, de líderes ambientais (lembrem-se do assassinato de Berta Cáceres). Isto leva-me a outra causa das migrações, que por vezes não está associada às mobilidades da região.

As migrações ocorrem atualmente como resultado de catástrofes ecológicas e atentados ambientais. Nos últimos 15 anos, as causas ambientais vieram juntar-se ao drama migratório, comunidades onde a crise hídrica provoca secas, locais onde a escassez de água aumenta a ponto de decidirem migrar para outras terras porque já não podem cultivar nas zonas onde sempre o fizeram. São comunidades que já não conseguem subsistir dos seus ofícios. Em El Salvador, por exemplo, toda a zona costeira foi privatizada para favorecer o modelo turístico promovido pelo governo de Nayib Bukele. Estes são novos elementos de uma dinâmica perversa que devem ser considerados.

MC: Entrando na dinâmica da comunicação, que perspetivas abordam os média da região em relação à migração: como um acontecimento, uma questão política ou um drama social?

AM: Começarei por destacar brevemente como a migração tem sido estudada. Existem muitos tipos de estudos sobre migração na região da América Central, que posso dividir em três tipos principais: primeiro, estudos produzidos por cooperação, normalmente financiados pelos países de acolhimento. A abordagem destes estudos destaca

uma necessidade: conter ou, pelo menos, reduzir a migração irregular. Procuram demonstrar os perigos da migração irregular e garantir acordos mínimos com os países de origem dos migrantes, de modo a evitar emergências humanitárias, como as caravanas de migrantes, grupos massivos de pessoas em êxodo que caminham juntos e crescem ao longo do caminho. Começaram em 2018 e mobilizam habitualmente entre duas e dez mil pessoas. Um segundo grupo de estudos provém do meio académico, de centros de investigação e universidades. Muitos desses estudos têm a particularidade de abordar as migrações e diferentes tipos de mobilidade a partir da categoria dos Estados-nação, o que por vezes não permite uma visão completa da complexidade da região. No entanto, essas pesquisas sublinham a importância da migração como um direito humano. Por fim, os trabalhos de investigação e reflexão conduzidos pelas próprias organizações de migrantes. Esses trabalhos são mais testemunhais e tendem a reivindicar a importância de migrar livremente para aqueles que desejam fazê-lo, desfrutando de todos os seus direitos, ou de ficar, se essa for a decisão de cada pessoa.

Os média são, de certa forma, o reflexo desses discursos. Em diferentes momentos, foram realizados estudos comparativos, alguns dos quais liderámos com uma equipa de investigadores num projeto de grande envergadura que decorreu entre 2008 e 2012. Aí analisámos os média de todos os países da região centro-americana e encontrámos abordagens comuns que se mantêm até hoje.

Em primeiro lugar, constatámos que existem duas narrativas principais no discurso dominante. A primeira abordagem nos média é um discurso festivo. Um discurso de celebração. Este tipo de cobertura insiste no facto de a migração ser um processo fundamental para a economia dos nossos países e constrói a imagem do migrante como um herói que enfrenta muitos perigos, mas que acabará por chegar à terra prometida. Este discurso, quando revisto de diferentes ângulos, segue a mesma estrutura da *viagem do herói* que Joseph Campbell atribui aos mitos fundadores de diferentes culturas. Assim, podemos afirmar que a migração não é apenas um acontecimento, mas, nos países da América Central, é um mito que reflete as idiosincrasias dos países. Migrar é um ato heroico. É passar de um mundo ordinário para um extraordinário, obter o elixir da sabedoria e regressar, a dada altura e de alguma forma, à tua *Ítaca* natal, depois de uma longa viagem que te mudou e que acaba por mudar aqueles que ficaram e que te esperam.

Depois, há uma segunda narrativa nos média, que exprime exatamente o contrário: a migração é um perigo terrível. Não é preciso migrar. É um problema. É um mal que não deve ser encarado como um projeto de vida. Vão acontecer-te coisas terríveis: o *coiote* vai perder-te pelo caminho, vais sofrer violência sexual, vais encontrar-te de frente com o crime organizado, podes morrer no deserto. Nesta narrativa, os média utilizam uma linguagem e imagens profundamente religiosas. Não se migra, parte-se em *êxodo*. Não se chega aos EUA, chega-se à *terra prometida*. Os migrantes deslocam-se *como um povo escolhido e, finalmente, enfrentam o deserto, como Jesus... 40 dias*. Neste tipo de notícias, há sempre desgraça, maldade, trevas e tragédia. Os migrantes têm menos poder de ação como vítimas, ou são frequentemente encontrados mortos. Uma das coberturas recentes deste tipo de narrativa foram as reportagens sobre o incêndio na estação de

migração de Ciudad Juárez, a 27 de março de 2023. Nesse incêndio, 40 migrantes perderam a vida.

Estas são as duas principais narrativas utilizadas pelos média. As notícias são mais uma espécie de história melodramática que pode ser um épico ou uma tragédia.

MC: Os média alguma vez abordam a migração como um direito humano?

AM: A migração não é habitualmente explicada como um direito humano. Isto deve-se ao facto de os nossos países serem simultaneamente países de saída, trânsito e acolhimento, tornando o discurso sobre a migração muito ambivalente. Por um lado, no caso de El Salvador, pedimos que os direitos dos migrantes sejam respeitados, mas, por outro lado, não respeitamos os direitos dos nicaraguenses ou temos atitudes muito discriminatórias em relação aos migrantes transcontinentais que estão em trânsito para os EUA, o principal país recetor.

Há mais uma reflexão que gostaria de salientar: a partir de 2010, verificámos que, quantitativamente, o número de artigos sobre migração começou a diminuir. Estamos em crer que isso se deve ao facto de a América Central e os média centro-americanos considerarem a migração uma situação ordinária na região (por definição, uma notícia aborda um acontecimento extraordinário e relevante). O extraordinário é sempre uma grande tragédia (um massacre, uma morte chocante) ou um sucesso muito particular (um migrante centro-americano que se torna empresário, um político proeminente no seu novo país ou um cientista de sucesso). A migração tornou-se quase um tema de cobertura de recurso quando não há outros assuntos a tratar, pelo que se pode sempre recorrer à migração, porque todos os dias, em cada um dos nossos países, há pessoas que partem, que estão a caminho.

MC: Quais são as imagens da migração e os seus estereótipos nos média? Quais são as causas e as consequências das imagens criadas que estão associadas à criminalidade, à “invasão”, aos que “roubam” empregos?

AM: Os estereótipos da “invasão” e do “roubo de empregos” estão enraizados nos média dos países de acolhimento, mas não na América Central. No México, há estudos discursivos que mencionam esses estereótipos e também associam as mulheres centro-americanas a “trabalhadoras domésticas” ou “caçadoras de maridos”. Na Europa, Jessica Retis realizou um trabalho interessante que mostra que os migrantes são representados de forma diferente com base na aparência e na estética racializadas. Por exemplo, nas notícias em Espanha, os equatorianos são retratados como pobres e indígenas que roubam empregos, os colombianos são associados ao tráfico de drogas, trazendo insegurança e violência, enquanto os argentinos geralmente não são estereotipados (Retis, 2004).

No caso da imprensa centro-americana, podemos pensar que se trata de um plano cartesiano semântico. Os estereótipos movem-se entre o sucesso e o fracasso.

O bem e o mal (deixo abaixo uma imagem sobre isso que um colega jornalista me ajudou a fazer; Figura 1). No quadrante do sucesso temos estes migrantes que prosperam noutras latitudes, são bem-sucedidos e bons. Temos também os “bons falhados”, que morrem pelo caminho, são capturados e raptados, que desaparecem. Depois temos os maus estereótipos: a imagem do criminoso quando pensamos no deportado, os *coyotes* que traficam pessoas e, nalguns casos, a “migra” (polícia de fronteira) dos países de destino. Há cerca de duas décadas, conduzimos um estudo nos Estados Unidos para apurar o que os média diziam sobre a migração salvadorenha e constatámos haver muito pouca informação sobre estes migrantes, mas eram retratados muitos estereótipos. Posteriormente, realizámos um segundo estudo para analisar as formas de cobertura dos migrantes abrangidos por um estatuto de proteção temporária dos trabalhadores. Aí, a legitimação da criminalização, que se reforçou com a chegada de Donald Trump, foi muito forte. O seu discurso alimentou um discurso de ódio, cujas repercussões estamos ainda a tentar compreender. A sua desinformação sobre a realidade dos trabalhadores migrantes permitiu um discurso de perseguição, de singularização e consequentemente a construção de estereótipos que desumanizam. Este discurso tem consequências no quotidiano, nos maus tratos aos trabalhadores, mas também em vários ataques dirigidos especificamente contra grupos de população latina ou a grupos de migrantes em geral.

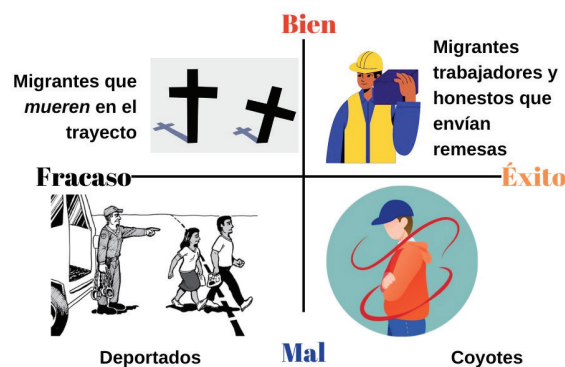


Figura 1. Estereótipos

Nota. Tradução:

	Bem		
	Migrantes que morrem no trajeto	Migrantes trabalhadores e honestos que enviam dinheiro	
Fracasso	Deportados	Coyotes	Éxito
	Mal		

MC: Que discursos ou narrativas predominam nos diferentes governos e média da região sobre a migração?

AM: As narrativas dos diferentes governos da América Central são, infelizmente, ditadas pelos EUA e, em geral, pelos países de destino. Os governos da América

Central tendem a ser particularmente condescendentes com as políticas de militarização das fronteiras e de perseguição dos seus próprios migrantes. Durante a presidência de Donald Trump, os governos das Honduras, El Salvador e Guatemala assinaram um acordo para se tornarem “países seguros” e criaram a sua própria “polícia de fronteira” para impedir o avanço dos migrantes vindos de fora do continente, ou do sul. O presidente de El Salvador, Nayib Bukele, por exemplo, chegou a pedir desculpa e a assumir a culpa pelo drama de Oscar Martinez, um jovem de 25 anos que se afogou com a sua filha de 23 meses ao tentar atravessar o Rio Grande. É claro que nenhum desses governantes denuncia como as decisões políticas construíram historicamente processos de securitização das fronteiras. Não reconhecem ser mais fácil para uma caixa de abacates atravessar a região e chegar aos Estados Unidos, graças aos acordos de livre comércio, mas que essa viagem se torna quase impossível para uma família, que também enfrentará muitos riscos que poderiam ser evitados.

Como já referi, a maioria dos média limita-se a reproduzir o discurso dos governos, que tendem a insistir que “a migração é um problema e devemos tentar evitá-lo”. Cada um dos governantes, a seu tempo, assume como um êxito o facto de ter conseguido reduzir a migração, o que está relacionado com o compromisso com os diferentes governos dos EUA.

MC: Existem média ou canais especializados que se dedicam a fornecer informações sobre o processo migratório?

AM: Algumas agências de cooperação internacional e organizações governamentais tendem a tecer reflexões mais complexas sobre esta questão e, claro, a academia. Gostaria de destacar, por exemplo, José Luis Rocha (2019, 2022; Rocha et al., 2023), um dos grandes sociólogos da região, que se dedicou à análise das migrações e teorizou sobre uma das ideias que nós, na América Central, pensamos há muito tempo na região: entender as migrações como um processo de desobediência civil. Este conceito, esta categoria, vem da sociedade civil norte-americana e apela à desobediência a ordens que são injustas, que são imorais. A desobediência civil aplica-se a territórios como o nosso, onde toda a comunidade internacional nos diz para não migrarmos, onde os projetos de cooperação nos dizem para não migrarmos, mas as pessoas fazem-no sistematicamente. Desobedecem a todas as vozes dos média dos países de acolhimento, dos seus próprios governos, que os pressionam, e partem em busca de um futuro diferente por uma esperança que vislumbraram a partir de experiências que ocorrem na vida quotidiana.

Em geral, os grandes média, os mais lidos, não têm por hábito fazer este tipo de denúncia, porque tendem a utilizar como fonte primária de análise os responsáveis governamentais e a cooperação internacional. No panorama mediático, surgiram os média alternativos e os média populares que vão construir um discurso diferente.

MC: Algumas ficções criadas na região, como a telenovela “Loma Verde”, produzida pelo coletivo Luciérnaga, da Nicarágua, com o apoio da cooperação internacional,

abordaram enredos que visavam fornecer informações e sensibilizar sobre os problemas da migração, como o risco de morrer durante a jornada, os maus tratos, a violação e a exploração sexual das mulheres, a prisão, a deportação... Esta série foi transmitida em todos os países da região, em canais privados e até públicos, alcançando notáveis sucessos de audiência, e parece que o público a viveu como parte da própria realidade quotidiana. Embora neste caso não existam estudos que comprovem os efeitos sobre a população, a capacidade de sensibilização da obra audiovisual foi evidente. Lidia Peralta (2016) descreve isso com clareza ao examinar a fundo o cinema e a migração, embora num contexto geográfico diferente. Falava-me de um fenómeno semelhante na produção musical.

AM: A música é um dos mecanismos que mais mobilizam a população centro-americana. O seu consumo continua a aumentar, e muitos grupos locais criaram canções, a partir de diferentes ritmos, que contam histórias da vida quotidiana e que recolhem e recuperam essas histórias. Os géneros variam entre o *pop*, o *hip hop* e, sobretudo o *corrido*. O grupo mexicano Los Tigres del Norte reuniu muitas dessas experiências em canções como “El Centroamericano”, um *corrido* que conta como muitos migrantes têm de aprender a falar como mexicanos para serem deportados para o México e poderem voltar a entrar rapidamente nos Estados Unidos. Ou o *corrido* “Tres Veces Mojado”¹, um segundo hino nacional para muitos salvadorenhos. A música também acompanha os protestos e as reivindicações dos direitos das comunidades hispânicas nos países de acolhimento, como se ouve em “La Bamba Rebelde”, do grupo Las Cafeteras, uma banda fundada em 2006 por um grupo de filhos de migrantes, que se conheceram em aulas de música e dança no centro cultural Eastside Café, em Los Angeles (EUA). A música sobre migração tende a ser menos estereotipada, menos trágica e muito mais ativa do que a cobertura noticiosa tradicional dos principais média.

MC: Que canais de comunicação criam confiança ou são utilizados entre os migrantes e entre estes e as suas famílias?

AM: Um dos mais comuns é o Facebook-Messenger. Nesta rede virtual, são mesmo criados grupos fechados que reúnem uma população específica proveniente de

¹ “Tres Veces Mojado” (Los Tigres del Norte, 1988; letra de Enrique Manuel Franco):

“Quando saí da minha terra, El Salvador/ Com a intenção de chegar aos Estados Unidos/ Sabia que precisaria de mais do que coragem/ Sabia que talvez ficasse pelo caminho/ São três as fronteiras que tive que atravessar/ Por três países andei sem documentos/ Três vezes tive que arriscar a vida/ Por isso dizem que sou três vezes molhado.

Na Guatemala e no México quando cruzei/ Escapei duas vezes de ser feito prisioneiro/ A mesma língua e a cor, pensem nisso/ Como é possível que me chamem estrangeiro.

Na América Central, dada a sua situação, tanto política quanto/ Económica, já para muitos não há outra solução senão abandonar/ A sua pátria, talvez para sempre o mexicano dá dois passos/ E aqui está, hoje mandam-no embora e no dia seguinte está de regresso/ É um luxo a que não me posso dar sem/ Ser morto ou levado preso.

É lindo o México, mas quanto sofri/ Atravessá-lo sem papéis é muito duro/ Os cinco mil quilómetros que percorri/ Posso dizer que me lembro de cada um/ O Arizona disseram-me que atravessasse/ E que eu fosse pelo meio do deserto/ Felizmente, um mexicano que se chamava Juan deu-me a mão/ Senão estaria morto.

Agora que finalmente consegui a legalização/ Superei em muito o que sofri/ Dedico a minha canção aos molhados/ E àqueles que, assim como eu, são três vezes molhados”.

pequenos territórios: municípios, aldeias, cantões. Este recurso exerce uma influência muito significativa nas famílias. Existem também canais de televisão privados, muitas vezes financiados pelas diásporas, que comunicam e contam histórias sobre os migrantes às comunidades de origem e das comunidades de origem aos migrantes (canais de televisão de Intipucá a Washington D.C., por exemplo). Além disso, é claro, são utilizadas as redes mais pessoais, aplicações como o WhatsApp, Telegram ou Signal, mas sobretudo o Facebook. Ultimamente, o TikTok, como espaço informativo ou aparentemente informativo, tornou-se um canal muito importante.

MC: Perante as dificuldades e os abusos sofridos pelos migrantes durante a sua viagem e mesmo a exploração laboral, que práticas e orientações de comunicação poderiam contribuir positivamente para uma melhor solução dos problemas associados à migração?

AM: Há experiências que podem oferecer uma boa resposta a esta questão. Destacaria a experiência da National Day Laborer Organizing Network (Associação Nacional de Trabalhadores Jornaleiros dos EUA), que, desde meados dos anos 1990, tem trabalhado sistematicamente em processos de comunicação popular através da música e da rádio para ensinar a comunidade migrante a defender os seus direitos e a compreender os processos de defesa, como conseguir que o empregador lhe pague, como intentar uma ação judicial se não tiver recebido o pagamento correspondente ou caso tenha sido cometido algum tipo de abuso, incluindo abuso físico. Os processos de educação e comunicação popular, através de organizações como a National Day Laborer Organizing Network e outras entidades ligadas às organizações centro-americanas, contribuem positivamente para a construção de comunidades conscientes dos seus direitos e capacitadas para serem agentes do seu próprio desenvolvimento, rumo a um futuro mais digno e mais humano.

MC: Como colocar o foco da atenção na comunicação? É possível incluir políticas públicas de apoio aos média populares e comunitários, garantindo o trabalho dos média independentes?

AM: É claro que não é possível que a comunicação na América Central avance sem políticas que promovam uma maior inclusão discursiva, que garantam a visibilidade da diversidade de vozes e experiências. Infelizmente, o que observamos na região é uma regressão das políticas de comunicação. Os governos mais autoritários (Nicarágua e El Salvador) têm fortalecido as vozes governamentais e não só não existem políticas que apoiem os média populares e independentes, como também não existem políticas que protejam as audiências em relação ao trabalho dos centros de rede que reforçam os discursos de ódio, exacerbam a polarização e alimentam os preconceitos.

Tradução: Anabela Delgado

AGRADECIMENTOS

Proyecto IMRESCOM, Plan Nacional I+D+i 2022, referência PID2022-140281OB-I00.

REFERÊNCIAS

- Los Tigres del Norte. (1988). Tres veces mojado [Música]. Em *Ídolos del Pueblo*. Fonovisa.
- Marroquín Parducci, A. (2005). Tres veces mojado. Migración internacional, cultura e identidad en El Salvador. *ECA: Estudios Centroamericanos*, 60(679-680), 465-474. <https://doi.org/10.51378/eca.v60i679-680.5276>
- Marroquín Parducci, A. (2019). Comunicación y migración: pedagogías y resistencias de la narrativa sobre migración internacional. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (141), 161-176.
- Marroquín Parducci, A., & Huezco-Mixco, M. (2006). Brújula rota. Cultura “nómada” de los trabajadores migratorios centroamericanos. *Revista De Estudios Sociales*, 1(24), 27-32. <https://doi.org/10.7440/res24.2006.03>
- Marroquín Parducci, A. & Carballo, W. (2021). La nación audiovisual y sus fronteras. *Papeles de trabajo: La Revista Electrónica del IDAES*, 15(28), 12-25.
- McAuliffe, M., & Triandafyllidou, A. (Eds.) (2021). *Relatório mundial sobre as migrações 2022*. Organização Internacional para as Migrações.
- Lopes, C., & Moreira, D. (Eds.). (2005). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2005*. PNUD.
- Peralta, L. (2016). *Los nuevos héroes del siglo XXI: Las migraciones subsaharianas vistas por el cine en España y África*. UOC.
- Retis, J. (2004). La imagen del otro: Inmigrantes latinoamericanos en la prensa nacional española. *Sphera Pública. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, (4), 119-139.
- Rocha, J. L. (2019). La exitosa desobediencia civil de migrantes indocumentados, informales y cuentapropistas. *Envío*, (447). <https://www.revistaenvio.org/articulo/5641>
- Rocha, J. L. (2022). Explosion post-2022 de l’emigration nicaraguayenne. In B. Duterme (Eds.), *Fuir l’Amérique Centrale. Points de vue du sud* (pp. 113-124). Éditions Syllepse.
- Rocha, J. L., Dennis, R., & Weegels, J. (2023). Debunking the myth of nicaraguan exceptionalism. Crime, drugs and the political economy of violence in a narco-state. *Journal of Latin American Studies*, 55(3), 1-25. <https://doi.org/10.1017/S0022216X23000676>
- Ward, N., & Batalova, J. (2023, 2 de junho). *Inmigrantes centroamericanos en los Estados Unidos*. Migration Policy Institute. Acedido a 2 de maio de 2024, em <https://www.migrationpolicy.org/article/inmigrantes-centroamericanos-en-los-estados-unidos-2021>

NOTA BIOGRÁFICA

Manuel Chaparro Escudero é professor de jornalismo na Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Málaga. É autor de monografias, como *Claves Para Repensar los Medios y el Mundo que Habitamos: La Distopía del Desarrollo* (Chaves Para Repensar os Média e o Mundo em que Vivemos: A Distopia do Desenvolvimento);

Guía de Transición Ecosocial y Principios Éticos Para Nuestros Medios (Guia de Transição Ecosocial e Princípios Éticos para os Nossos Média; em coautoria); e *Comunicación Radical. Despatriarcalizar, Decolonizar y Ecologizar la Cultura Mediática* (Comunicação Radical. Despatriarcalizar, Decolonizar e Ecologizar da Cultura dos Média), em coautoria com Susana de Andrés. Colaborou em projetos de comunicação e apoiou projetos de reforma de políticas públicas de comunicação na Argentina, na Bolívia, na Colômbia, no Chile, em El Salvador, na Guatemala, no Brasil, no Haiti, no Peru e na República Dominicana. Foi consultor da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento na Bolívia e na Guatemala, e em políticas de reforma do mercado audiovisual para o governo da Andaluzia. Pesquisa em comunicação e pós-desenvolvimento, narrativas decoloniais e políticas públicas. Dirige o grupo Laboratório de Comunicação e Cultura (LABCOM-Andaluzia). Foi diretor e fundador da rede de mídia pública e comunitária EMA-RTV e Onda Local Andalucía (1984–2021).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5630-4009>

Email: mch@uma.es

Morada: Facultad Ciencias de la Comunicación, León Tolstoi 11, 29071, Málaga, España

Submetido: 18/06/2024 | Aceite: 03/07/2024



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.